

Processo de Incubação do “Grupo de Mulheres Extrativistas Filhas da Terra”, em área de Várzea, no Município de Igarapé-Miri, região Amazônica Paraense

Alberto Vinicius Sousa Rocha^{1*}, Amanda Soares de Moura,¹ Leandro Marques do Carmo¹, José Victor Sousa de Souza¹, Barbara Maisa Nunes Araujo¹, Sergio Gabriel de Oliveira Begot¹, Tatiana Pará Monteiro de Freitas², Adebaro Alves dos Reis³, Wagner Luiz Nascimento do Nascimento⁴

¹Graduando em Agronomia pelo Instituto Federal do Pará – IFPA – Campus Castanhal. E-mail: alb.vinicius.rocha@gmail.com; amoura821@gmail.com; leandromarquedocarmo2016@gmail.com; victoragro2017@outlook.com; barbaramaisa1@gmail.com; sgobegot@gmail.com

²Mestranda em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares – IFPA; Docente do quadro do Instituto Federal do Pará – IFPA – Campus Castanhal. E-mail: tatiana.para@ifpa.edu.br

³Doutor em Desenvolvimento Sustentável do Tópico Úmido – UFPA; Docente do quadro do Instituto Federal do Pará – IFPA – Campus Castanhal. E-mail: adebaro.reis@ifpa.edu.br

⁴Mestre em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares – IFPA; Docente do quadro do Instituto Federal do Pará – IFPA – Campus Breves. E-mail: wagnerlsinnascimento@gmail.com

*Autor para correspondência: alb.vinicius.rocha@gmail.com

Resumo - A INCUBITEC-IFPA Campus Castanhal desenvolve trabalhos de pesquisa com grupos populares, organizados de forma coletiva, que possuem a economia solidária como princípio, sendo esta uma alternativa de geração de trabalho e renda para trabalhadores e trabalhadoras excluídas do mundo do trabalho. O presente trabalho tem por objetivo discutir o processo de Incubação do “Grupo de Mulheres Extrativistas Filhas da Terra”, em área de várzea, município de Igarapé-Miri/PA. Durante a Incubação, diversas metodologias participativas foram utilizadas, partindo da realidade local e das necessidades das agricultoras, levando em consideração o conhecimento das mesmas. Apesar de algumas dificuldades, foi possível encontrar resultados bastante positivos. O grau de organização, envolvimento e participação das mulheres merece destaque, gerando com isso o que chamamos de empoderamento. É com base nessas vivências de trabalho e luta que o Grupo de mulheres busca agora sua formalização e legalização na configuração de uma associação, tendo a INCUBITEC com assessora, entendendo este processo como mútuo, de construção para o futuro empreendimento como também de formação para os membros da Incubadora.

Palavras-chave: Economia Solidária, Organização Coletiva, Trabalho e Renda.

Incubation process of the “Daughters of the Earth Extractive Women Group”, in the Várzea área, in the municipality of Igarapé-Miri, Paraense Amazon region

Abstract - The INCUBITEC-IFPA Campus Castanhal develops research work with popular groups, organized collectively, that have the solidarity economy as a principle, which is an alternative to generate work and income for workers excluded from the labor market. This paper aims to discuss the Incubation process of the “Group of Extractive Women Daughters of the Earth”, in a floodplain area, municipality of Igarapé-Miri / PA. During the incubation, several participatory methodologies were used, starting from the local reality and the needs of the farmers, taking into consideration their knowledge. Despite some difficulties, it was possible to find very positive results. The degree of organization, involvement and participation of women deserves highlighting, thus generating what we call empowerment. It is based on these experiences of work and struggle that the Women's Group is now seeking its formalization and legalization in the configuration of an association, having INCUBITEC as an advisor, understanding this process as mutual, building for the future venture as well as training for the Incubator members.

Keywords: Solidarity Economy, Incubation, Work and Income.

INTRODUÇÃO

A Incubadora Tecnológica de Desenvolvimento e Inovação de Cooperativas e Empreendimentos Solidários – INCUBITEC, do Campus Castanhal do Instituto Federal do Pará - IFPA, fundada em 2010, atuando nos territórios do Nordeste Paraense e Baixo Tocantins (FELIZARDO et al., 2015), sendo o primeiro o mais populoso e também a região mais antiga fronteira de colonização do estado do Pará, cujos municípios pertencem às regiões de integração dos rios Caeté, Guamá e Tocantins (CORDEIRO et al., 2017).

A INCUBITEC/IFPA – Campus Castanhal desenvolve seus trabalhos de pesquisa com grupos populares, organizados de forma coletiva, que possuem a economia solidária como princípio e que pretendem se constituir (ou já se constituem) em cooperativas ou associações, que segundo Coutinho (2005), são formas alternativas de garantia de trabalho e geração de renda para trabalhadores e trabalhadoras excluídas do mundo do trabalho.

A Incubadora é constituída de uma equipe multidisciplinar, a qual desenvolve trabalhos com a premissa da organização social dos agricultores e agricultoras como instrumento capaz de induzir a solução de problemas sociais, econômicos, ambientais e políticos presentes em diferentes realidades sociais, buscando maneiras coletivas que possam garantir a sobrevivência das camadas mais atingidas da população do campo, visando oferecer oportunidades reais de reinserção na economia por iniciativa coletiva.

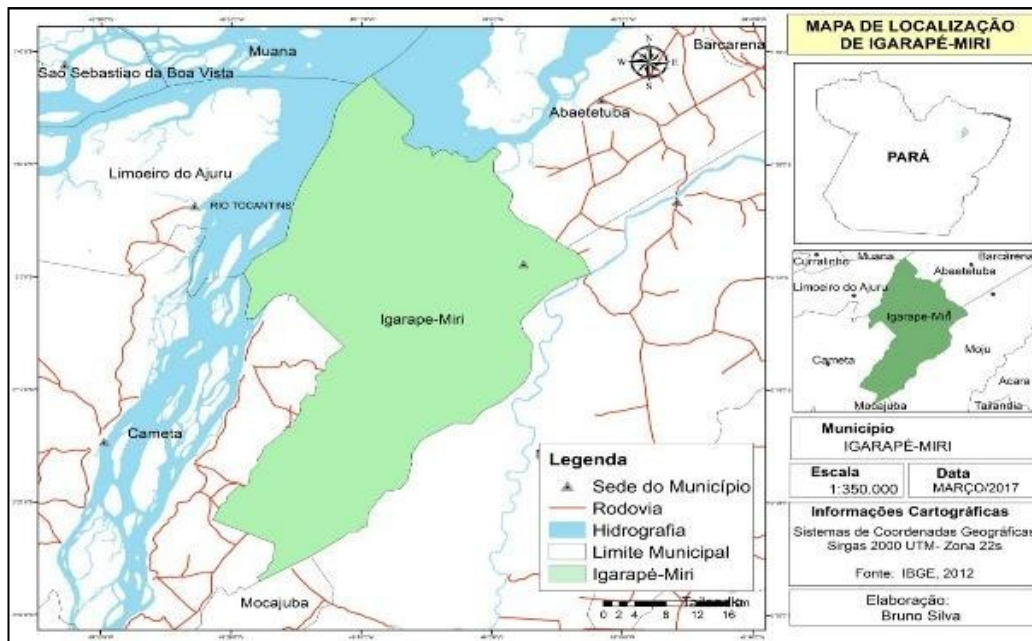
Em síntese, a proposta da Incubadora e de sua equipe é promover os princípios e fortalecer o cooperativismo e o associativismo nas comunidades rurais do Estado do Pará, a fim de que, os grupos construam suas próprias formas de trabalho, baseadas na autogestão de seu empreendimento, promovendo o desenvolvimento sustentável e os princípios da economia solidária.

Diante o exposto, o presente trabalho vem apresentar os primeiros passos do processo de Incubação promovido pela INCUBITEC/IFPA – Campus Castanhal junto ao “Grupo de Mulheres Extrativistas Filhas da Terra”. Esse processo se caracteriza como um espaço de formação mútua, tanto para as sujeitas, quanto para os técnicos da equipe. O que possibilita o entendimento prático do processo de incubação como um espaço de interseção entre dois saberes (Técnico-Científico e Empírico) que se encontram, complementam, conservam, negam e se superam em sua relação, onde se aprende, junto às comunidades, alternativas oriundas do saber popular construído na experiência do cotidiano com o saber técnico-científico (SANTOS; CRUZ, 2008).

MATERIAIS E MÉTODOS

A ação foi realizada na sede da Associação Mutirão de Igarapé-Miri/PA, sendo esta área de várzea do Rio Guamá, localizada no município de Igarapé-Miri/PA, região Nordeste Paraense, distante cerca de 87 Km da Capital Belém – PA (Figura 01), junto ao Grupo de Mulheres Extrativistas Filhas da Terra.

Figura1 - Mapa de localização do Município de Igarapé-Miri, estado do Pará.



Fonte: Silva (2017) *apud* Silva e Amorim (2017).

Há alguns anos, foi constituído o grupo formado por mulheres agricultoras, ligadas a Associação Mutirão de Igarapé-Miri, o qual buscava dar visibilidade às mulheres e suas atividades no meio onde estavam inseridas, neste caso, a várzea.

Assim, em 2018, o Grupo buscou a INCUBITEC/IFPA – *Campus Castanhal* para auxiliar no fortalecimento do grupo, trazendo algumas demandas para a equipe. Dentre essas demandas, está o apoio para a formação e constituição de uma, visando fortalecer produção e comercialização de produtos das próprias mulheres como os licores, elaborados a partir de frutas tipicamente amazônicas, como o Açaí.

Uma vez definido nosso espaço e grupo de atuação-estudo, buscou-se no processo inicial de incubação metodologias participativas, partindo da

realidade local e das necessidades das agricultoras, levando em consideração o conhecimento das mesmas.

Dessa forma, dois instrumentos foram utilizados para a geração dos primeiros diagnósticos. O primeiro, foi o que Freire (1983) chama de “interação problematizadora”, através do qual as e os agentes externos (bolsistas e colaboradores) interagem, por meio de discussões, problematizando as questões e a consciência dos e das participantes sobre suas propostas, propondo ações a partir de um processo de reflexão crítica diante de questionamentos relevantes no que tange às ações propostas.

O segundo instrumento foi o uso de ferramentas do Diagnóstico Rural Participativo – DRP, descrito por Verdejo (2010), tais como: história de vida (individual e coletiva), reuniões, observação do (a) participante, registros fotográficos, anotações de campo e aplicação de questionários.

Vale ressaltar que, em todos os momentos foi assegurado a palavra a todas as participantes, pois a realidade do dia a dia é diferente para as diferentes mulheres, a variar de acordo com a idade, grau de escolaridade, estado civil, objetivos, dentre outros. Ademais, buscou-se desenvolver processos de pesquisa a partir das condições e possibilidades das participantes, baseando-se nos seus próprios conceitos e critérios de explicação (VERDEJO, 2010).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo Coutinho (2005), entre as estratégias de sobrevivência socioeconômica, cabe destacar a ampliação e o desenvolvimento de organizações populares, fundadas nos princípios da solidariedade e da autogestão, que como citado anteriormente, são alternativas de trabalho e geração de renda para trabalhadores e trabalhadoras excluídas do mundo do trabalho.

É nessa perspectiva que a INCUBITEC atua junto aos grupos informais e aos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES). Atualmente, a Incubadora conta com uma equipe multidisciplinar, formada por estudantes de Agronomia, Engenharia de Alimentos, Engenharia de Pesca, Tecnologia em Aquicultura, Licenciatura em Informática, Mestrados e Mestres em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares, bem como, docentes da área da Economia e Agronomia que, a partir da formação individual de cada um, se torna possível potencializar as alternativas de instrumentalização do conhecimento junto às comunidades rurais, a medida em que se abarca um espectro maior e mais plural em relação aos objetivos da

ação extensionista (SANTOS; CRUZ, 2008).

Nesse sentido, com base nas metodologias adotadas neste trabalho, foi possível construir um diagnóstico sobre a trajetória histórica e a situação atual do Grupo de Mulheres Extrativistas Filhas da Terra, identificando os problemas, suas causas e possíveis soluções, a partir da interação entre as pessoas, identificando limites e potencialidades relacionados a questão de produção, mercado, meio ambiente, organização e relações sociais, assistência técnica, etc.

Além disso, com a aplicação dos instrumentos foi possível estabelecer prioridades do grupo de mulheres, avaliando as ações que poderiam ser realizadas e aquelas que caberiam às possíveis instituições parceiras, elaborando um planejamento inicial das ações a serem empreendidas pelos envolvidos e envolvidas para enfrentar os principais problemas diagnosticados.

Apesar de algumas dificuldades, foi possível encontrar resultados bastante positivos. Percebeu-se problemas relacionados a comunicação, confiança e entendimento grupal (boatos, intrigas, falta de comunicação e etc.), mas que, numa primeira análise não põe em risco a manutenção e os objetivos do grupo. O interessante é que o grupo tem seus próprios mecanismos para regular alguns destes problemas, desde advertências verbais a reuniões coletivas para solução das adversidades.

Algo que chamou bastante atenção também foi o grau de organização, envolvimento e participação das mulheres no empreendimento informal. Vale ressaltar que, para o último ponto, o qual trata da participação, segundo Romano (2002) citado por Ferreira, Freitas e Dias (2012), surge juntamente com outro elemento importante para o desenvolvimento do

grupo e de uma organização cunhada pela solidariedade: o empoderamento.

Este conceito vem ganhando destaque recentemente em pesquisas acadêmicas, mais especificamente quando se trata de processos de promoção do desenvolvimento. O empoderamento diz respeito ao resgate de valores, dignidade e cidadania, relaciona-se, principalmente, quando o grupo ou organização “tornar-se capaz”, capaz de transformar sua realidade no sentido de ser protagonista e não espectador (FERREIRA; FREITAS; DIAS, 2012).

A abordagem desse elemento é fundamental, pois é algo facilmente identificável e auto reconhecido pelas mulheres. De acordo com elas, pelo fato de serem mulheres, no início da formação do grupo muitas sofreram bastante preconceito advindo de parte dos homens da comunidade, até mesmo de seus companheiros, que afirmavam que “mulher não entende de negócio”, que “mulher tem de cuidar da casa” e “não estar na rua”. Essas afirmativas, segundo os relatos, foram comuns a boa parte delas, colocando muitas em situação de desânimo e impotência, levando algumas até mesmo a se retirarem do grupo por conta das pressões domésticas e sociais do patriarcado.

Entretanto, a partir do êxito na produção e comercialização dos produtos, com elevado nível de organização nos mais diferentes níveis da produção, as que permaneceram no grupo afirmam que hoje puderam retomar sua dignidade socioeconômica (através de ganhos econômicos), sua cidadania e, principalmente a liberdade de decidir e controlar seu próprio destino com responsabilidade, solidariedade e respeito ao outro e a outra. Romano (2002), caracteriza esse processo como

um movimento político-cultural de transformação social.

É com base nessas vivências de trabalho e luta que o Grupo de Mulheres Extrativistas Filhas da Terra busca agora sua formalização e legalização na configuração de uma associação, tendo a INCUBITEC como assessora nos próximos anos na gestão contábil, mercantil e jurídica, além de apoio técnico no setor de produção e comercialização que o futuro empreendimento atua, bem como, capacitações na referida área.

Com isso, será possível otimizar a geração de trabalho e renda às mulheres que a partir da sua formalização poderão acessar novos mercados e oportunidades, garantindo, dessa forma, qualidade de vida e reprodução social, podendo demonstrar com sua experiência que a economia solidária, como aponta Santos e Cruz (2008), não é uma proposta “fraca”, não é um modismo, não é uma agenda pós-moderna, mas uma reafirmação das promessas não cumpridas de uma modernidade que só teve sentido para uma pequena parcela da sociedade, sobretudo urbana.

CONCLUSÕES

Apesar das mais variadas dificuldades no que tange a gestão, que por ser coletiva traz consigo um caráter mais complexo em seu desenvolvimento, bem como a produção e comercialização (escoamento) dos produtos, este Empreendimento Econômico Solidário (EES) apresenta como fator positivo de competitividade a motivação das participantes que o compõem, pelo fato de serem trabalhadoras e proprietárias ao mesmo tempo.

Além disso, o apoio técnico da INCUBITEC faz-se fundamental, na

medida em que este auxilia as populações rurais em suas necessidades básicas e específicas através de conhecimentos produzidos no contexto da academia. A integração do Instituto Federal com as comunidades permite a aplicação dos conhecimentos acadêmicos, adaptando-os a cada contexto e criando novas possibilidades a partir de cada realidade vivenciada.

Assim sendo, cabe ressaltar a mutualidade na solidariedade, implicando numa troca de saberes, de conhecimentos: as e os técnicos aprendem a vida real, aquela que não está nos bancos acadêmicos e as trabalhadoras e trabalhadores membros dos empreendimentos aprendem a usar as ferramentas que a vida lhes negou. A incubação, por fim, é um processo de troca entre dois saberes que se produzem em duas esferas distintas da vida social. É, portanto, um ato pedagógico (SANTOS; CRUZ, 2008).

AGRADECIMENTOS

Agradecer a Incubadora Tecnológica de Desenvolvimento e Inovação de Cooperativas e Empreendimentos Solidários – INCUBITEC e ao Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq por fomentar através da concessão de bolsas a realização de atividades e estudos desta natureza. Por último, mas não menos importante, a Classe Trabalhadora, por garantir o custeio do IFPA *Campus* Castanhal e com isso o financiamento de nosso Ensino Superior.

REFERÊNCIAS

CORDEIRO, I. M. C. C.; ARBAGE, M. J. C.; SCHWARTZ, G.: **NORDESTE DO PARÁ: CONFIGURAÇÃO ATUAL E ASPECTOS IDENTITÁRIOS**. In Cordeiro, I. M. C. C. (org). Nordeste Paraense: panorama geral e uso

sustentável das florestas secundárias. Belém – PA: EdUfra, 2017. p. 19-58.

COUTINHO, M. C.; BEIRAS, A.; PICININ, D.; LUCKMANN, G. L. NOVOS CAMINHOS, COOPERAÇÃO E SOLIDARIEDADE: A PSICOLOGIA EM EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS. **Revista Psicologia & Sociedade**. p. 17-28; jan/abr.2005.

FELIZARDO, A. O. et al. Incubadora Tecnológica de Desenvolvimento e Inovação de Cooperativas e Empreendimentos Solidários: Verticalização das relações entre universidade e sociedade. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 11, n. 23, p. 178-192, 2015.

FERREIRA, A.; FREITAS, A. F.; DIAS, M. M.: O USO DO DIAGNÓSTICO RÁPIDO PARTICIPATIVO (DRP) COMO METODOLOGIA DE PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **Revista Em Extensão**, Uberlândia, v. 11, n. 2, p. 69-81, jul./dez. 2012.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

ROMANO, J. O. **Empoderamento: enfrentemos primeiro a questão do poder para combater juntos a pobreza**. Documento de apoio apresentado no International Workshop Empowerment and Right Based Approach in Fighting Poverty Together, Rio de Janeiro, set. 2002.

SANTOS, A. M. dos; CRUZ, A. C. M.: Incubadoras tecnológicas de cooperativas populares: interdisciplinariedade articulando ensino, pesquisa e extensão universitária. *Revista e-cadernos CES*, 2008. Disponível em: . Acesso em 09/08/2019.

SILVA, B. D.; AMORIM, T. S. **A PRODUÇÃO, VENDA E RENDA DO AÇAÍ**: um estudo no município de Igarapé-Miri/PA. VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária e IX Simpósio Nacional de Geografia Agrária. GT 18 – Agroecologia, economia(s) solidárias e mercados camponeses. 2017. Disponível em: Acesso em: 08/08/2019.

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico rural participativo**: Guia prático DRP. - Brasília: MDA/ Secretaria da Agricultura Familiar, 2010.